



TEATRO DO OPRIMIDO NO ENSINO MÉDIO: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR POTENTE

THEATER OF THE OPPRESSED IN HIGH SCHOOL: A POWERFUL INTERDISCIPLINARY EXPERIENCE

Igor Carvalho Rodrigues¹

Instituto Federal de Goiás

Naiá Márjore Marrone Alves Oliveira²

Instituto Federal de Goiás

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as particularidades e as potencialidades de uma atividade interdisciplinar entre Arte e Educação Física, baseada nos jogos teatrais de Augusto Boal, realizada em um sábado de atividade complementar no Instituto Federal de Goiás – Câmpus Valparaíso de Goiás. A partir de uma metodologia de pesquisa autoetnográfica, articulou-se a prática pedagógica com referenciais teóricos da interdisciplinaridade (Fazenda, Japiassu) e do Teatro do Oprimido (Boal). Os resultados demonstraram que a integração das duas áreas, frequentemente marginalizadas no currículo, promoveu um engajamento significativo dos estudantes, superando as expectativas. A atividade evidenciou a potência dos jogos teatrais de Boal para uma formação crítica, emancipatória e menos fragmentada, desafiando a hierarquização tradicional dos saberes escolares. Conclui-se que a experiência foi valiosa e superou a mera justaposição de conteúdos, efetivando-se como uma prática interdisciplinar genuína que contribuiu para repensar o lugar da Arte e da Educação Física no cotidiano escolar, e aponta a necessidade de projetos contínuos que aprofundem essa integração.

Palavras-chave: teatro do oprimido; interdisciplinaridade; arte; educação física; educação.

Abstract: This article aims to analyze the particularities and potentialities of an interdisciplinary activity between Art and Physical Education, based on Augusto Boal's theater games, carried out on a complementary activity Saturday at the Federal Institute of Goiás – Valparaíso Campus. Using an autoethnographic research methodology, the pedagogical practice was articulated with theoretical frameworks of interdisciplinarity (Fazenda, Japiassu) and the Theatre of the Oppressed (Boal). The results demonstrated that the integration of the two areas, often marginalized in the curriculum, promoted significant student engagement, exceeding expectations. The activity highlighted the power of Boal's theater games for a critical, emancipatory, and less fragmented education, challenging the traditional hierarchy of

¹ Professor de Arte do ensino básico, técnico e tecnológico e pesquisador integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguagem (NEP-Linguagem) no Instituto Federal de Goiás, Câmpus Valparaíso. Mestre em Artes pela Universidade Federal de Uberlândia (2018) e licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia (2013). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4778424152865003> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7473-2007>

² Professora de Educação Física do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Goiás, Câmpus Valparaíso. Mestra em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal de Goiás (2018) e licenciada em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás (2011). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7698046615823182>



school knowledge. It is concluded that the experience was valuable and went beyond the mere juxtaposition of contents, establishing itself as a genuine interdisciplinary practice that contributed to rethinking the place of Art and Physical Education in the school daily life, and points to the need for continuous projects that deepen this integration.

Keywords: theatre of the oppressed; interdisciplinarity; art; physical education; education.

1 INTRODUÇÃO

Sábados letivos geralmente não são atrativos para os professores e muito menos para os alunos. Oferecer uma atividade complementar em um dia de descanso, às vezes não sai como esperado. Isso porque temos que contar com alguns fatores extras como a ausência e a falta de engajamento, que podem impossibilitar a atividade. Felizmente, não foi o caso que resultou neste estudo.

No Instituto Federal de Goiás câmpus Valparaíso (IFG Valparaíso), todo ano letivo são disponibilizados alguns sábados para que os estudantes possam fazer atividades extras e atingir o quantitativo de horas necessárias para obtenção do certificado de conclusão de curso.

No dia 19 de julho de 2025 aconteceu uma atividade que chamamos de “Jogos teatrais inspirados no Teatro do Oprimido”. Essa atividade nasceu da intenção de integrar conteúdos e práticas tanto do campo da Arte quanto da Educação Física. Para além do corpo como suporte, essas duas áreas também dividem um sentimento de “classe secundária” junto às demais disciplinas.

Por mais que na teoria todas as matérias sejam equivalentes, no cotidiano escolar, nos deparamos com uma realidade em que Arte e Educação Física por vezes são julgadas como lazer e descontração. Esse sentimento mútuo de disciplinas estigmatizadas também fomentou a união e veio a calhar com o tema da atividade, Teatro do Oprimido.

O Teatro do Oprimido é uma obra realizada pelo teatrólogo Augusto Boal que sugere uma aproximação da linguagem do teatro com pessoas comuns e em lugares não tradicionais. Para isso, Boal propõe uma série de jogos teatrais inspirados em algumas práticas que realizou durante sua vida, que são, na maioria, práticas comuns e exequíveis por qualquer pessoa.



A partir de uma metodologia autoetnográfica, este trabalho tem como objetivo principal avaliar e analisar os limites, as possibilidades e as potencialidades de um ensino interdisciplinar a partir da atividade “Jogos teatrais inspirados no Teatro do Oprimido”. Entremeio às reflexões, espera-se também contribuir nos caminhos para um ensino menos fragmentado.

Para essa discussão principal ser abordada com êxito, é preciso também retomar conceitos de interdisciplinaridade feitos por teóricos como Ivani Fazenda e pensar sobre a forma como se manifesta a interdisciplinaridade no currículo do IFG. Também se faz necessário contextualizar a realidade sobre marginalização à Arte e Educação Física, e como o Teatro do Oprimido é relevante nessa discussão.

A partir de um relato de experiência inspirado nos princípios da interdisciplinaridade, espera-se refletir sobre como essa atividade integradora pode proporcionar um momento rico para todos ali presentes, estudantes e professores.

Nesse sentido, surgem alguns questionamentos que norteiam essa análise reflexiva: Como a interdisciplinaridade entre Arte e Educação Física pode ajudar a enxergar um ensino menos fragmentado? De que maneira a interdisciplinaridade impacta na educação dos estudantes e dos professores? Quais os desafios de propor uma atividade interdisciplinar em um ensino ainda tradicional? Ao responder a esses e outros questionamentos, espera-se não apenas avaliar a atividade realizada, mas também refletir sobre os caminhos possíveis.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ARTE E EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

As disputas políticas e ideológicas em torno do currículo escolar sempre foram um campo de batalha em que a vitória é interesse dos dominantes. Formar jovens da classe trabalhadora para que possam atuar como mão de obra para a engrenagem capitalista parece ser o pressuposto central. Entretanto, as forças contra-



hegemônicas, e aqui incluímos a Arte e a Educação Física crítica³, têm atuado de forma contundente nessa luta. Porém, mesmo diante de tantos esforços e reconhecimentos, é preciso estarmos atentos e vigilantes, pois essas conquistas não são garantidas e estão a todo tempo sofrendo ameaças.

Assim, definir o que os estudantes aprenderão em nossas aulas é uma decisão política que impactará o resto de suas vidas. No caso do IFG, quando pensamos coletivamente em possibilidades interdisciplinares, geralmente, a Arte e a Educação Física são vistas como suporte para as habilidades técnicas.

Por exemplo, em uma aula de robótica, a Educação Física pode abordar os fundamentos da cinesiologia para aprenderem os movimentos que um robô pode executar. Ou pode a Arte auxiliar com os fundamentos básicos do desenho em uma aula de desenho técnico para o curso de mecânica. Não significa que não possamos realmente interagir dessa forma, mas ao nos limitarmos a possibilidades dessa natureza, subestimamos as potencialidades tão enriquecedoras que nossas áreas contribuem na formação de nossos estudantes.

Nesse sentido, a iniciativa de uma atividade interdisciplinar que integra conteúdos de disciplinas estigmatizadas no âmbito escolar vai além de uma prática estritamente curricular. Ela é também uma atitude política que dialoga com o próprio tema proposto do Teatro do Oprimido. Trata-se, portanto, de uma reflexão que atravessa o aspecto meramente pedagógico e joga luz em questões do contexto escolar e as disputas políticas que acontecem dentro e fora da escola.

2.2 TEATRO DO OPRIMIDO

O teatro enquanto linguagem não está presente formalmente na realidade do IFG Valparaíso. Não existe atualmente um profissional habilitado em teatro lecionando na instituição. Porém, além desta atividade, já houve apresentações lideradas pela professora de inglês e até iniciativas dos próprios estudantes em realizar peças.

³ É preciso acrescentar o adjetivo “crítica”, uma vez que a Educação Física tradicional sempre serviu ao sistema dominante por ter sido cooptada pela ideologia dominante de cada período histórico. Então, quando nos referimos à educação física crítica, buscamos refutar a ideia de uma educação física esportivista, tecnicista, higienista, racista, sexista, eugenista, etc.



Sobre a falta de profissional na área, também é uma disputa que está longe de acabar. Se por um lado existe uma lei⁴ que determina a obrigatoriedade da oferta de artes visuais, dança, teatro e música enquanto componentes curriculares no ensino médio, por outro, existe uma realidade totalmente diferente. Já no caso da Educação Física, os documentos curriculares oficiais também orientam que sejam trabalhados os diversos elementos da cultura corporal, como a ginástica, a dança, o esporte, entre outros. Sobre esses aspectos, cabe pesquisa à parte e aqui vamos nos limitar apenas em deixar registrado esse contexto que integra nossa discussão.

A partir dessa preocupação em se ter uma educação que contemple maior integralidade artística também por meio da cultura corporal⁵, o Teatro do Oprimido foi pensado como alternativa de uma atividade interdisciplinar.

Augusto Boal (2019) começa seu texto defendendo que tal como toda atividade humana, todo teatro também é político. Segundo ele, o teatro é uma arma potente e por isso se deve lutar por ele. Boal explica que as classes dominantes entendem essa potência e tentam se apropriar do teatro para o domínio da população. Nesse sentido, a Poética do Oprimido é a “conquista dos meios de produção teatral” (Boal, 2019) porque destroi as barreiras criadas pelas classes dominantes presentes entre atores e espectadores e ainda entre protagonistas e coro.

Seguindo essa proposta, trabalhar o Teatro do Oprimido com jovens estudantes nos pareceu apropriado, já que em um ambiente escolar, estão na posição de “oprimidos” na hierarquia. Fazendo uma reflexão *a posteriori*, fez sentido usá-lo por meio de disciplinas também, por vezes, oprimidas.

Como o corpo é o suporte principal do teatro, Boal entende que é preciso conhecê-lo para torná-lo mais expressivo. Só depois disso que o espectador se habilita a praticar formas teatrais que o emancipem da condição de espectador a ator,

⁴ A Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016 altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e diz que “as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (BRASIL, 2016)

⁵ A partir da década de 80, com a reabertura política após um longo período de ditadura militar, foram somados grandes esforços para superar a concepção tecnicista que se tinha de educação física, tendo em vista que se tratava de uma área com um potencial de formação crítica muito frutífera. Com isso, surgiu um chamado Coletivo de Autores, que desenvolveu uma obra fundamental para o campo da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992), definindo a cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física. Para eles, o acesso aos elementos da cultura corporal possibilita que o estudante compreenda a realidade para além da aparência, elevando suas funções psíquicas.



“de objeto a sujeito, convertendo-se de testemunha em protagonista” (Boal, 2019). Esse processo de conversão é dividido por Augusto Boal em quatro etapas: Conhecimento do corpo, Tornar o corpo expressivo, Teatro como linguagem e Teatro como discurso.

Na primeira etapa, ele sugere exercícios para conhecer o próprio corpo e suas limitações. Desmontar as estruturas musculares para montá-las de outras formas. Para isso propõe exercícios como “corrida em câmera lenta”, “luta de boxe à distância” e “faroeste” (Boal, 2019).

Já na etapa seguinte, o objetivo passa a ser a expressão através do corpo. Boal explica que como estamos acostumados a nos comunicar através da palavra, ele sugere então jogos que têm a intenção de utilizar o corpo para se expressar.

Enquanto essas duas etapas são preparatórias, as duas outras são mais ativas e invocam a participação direta na apresentação. Na etapa Teatro como linguagem, Boal subdivide em três graus que, gradativamente, aumenta a participação do espectador no espetáculo e já na última etapa, Teatro como discurso, propõe espetáculos mais “acabados” como o Teatro Invisível.

A partir da ideia de democratizar o acesso à linguagem do teatro, utilizar expressivamente o corpo e proporcionar o protagonismo de suas histórias, decidimos propor atividades inspiradas nesses jogos do Teatro do Oprimido.

2.3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

No 1º Semestre de 2025, realizamos nossa primeira atividade integradora para trabalharmos o Teatro do Oprimido em um sábado letivo. Divulgamos a atividade nas redes sociais e também convidamos pessoalmente os estudantes na sala de aula. Uma das nossas principais preocupações era que fosse uma atividade esvaziada, tendo em vista que os sábados letivos não costumam ter muita adesão em nosso campus.

Na data marcada, nos encaminhamos ao ginásio poliesportivo e começamos a nos surpreender com mais e mais alunos chegando. Ao todo, pudemos contar com cerca de 25 estudantes, o que é um número bastante expressivo comparado a outros



sábados letivos. Fizemos uma roda de conversa para apresentar a temática, contextualizamos brevemente o Teatro do Oprimido, explicamos quem foi Augusto Boal, qual a importância de sua obra para a sociedade, etc. Explicamos a nossa proposta, como seria a nossa metodologia e os estudantes, ainda meio tímidos, ouviram com atenção, demonstrando curiosidade.

Para dar início às atividades com o corpo, realizamos uma sequência de alongamentos e relaxamento para distensionar a musculatura, iniciar a conexão mais profunda com o corpo, tão necessária às atividades seguintes, e deixar os estudantes mais à vontade. Realizamos a primeira etapa proposta por Boal (2019), a partir das atividades “corrida em câmera lenta”, “luta de boxe à distância” e “faroeste”. Na segunda etapa, realizamos a brincadeira de sortear casais de animais e procurar o par por meio de mímicas. Antes de começar a terceira etapa, fizemos uma pequena adaptação e propusemos aos estudantes que imitassem os professores da escola por meio de mímica para que os colegas tentassem adivinhar quem era.

Para iniciar a terceira etapa, dividimos a turma em três grandes grupos e explicamos que agora eles teriam que criar uma história e deixar o final para que os espectadores pudessem sugerir possíveis desfechos e eles deveriam encenar de acordo com a sugestão. E foi o que fizeram de forma muito espontânea e criativa. Não chegamos a contemplar as duas últimas etapas propostas por Boal (2019), devido à limitação de tempo e também por respeitarmos a premissa de que o Teatro do Oprimido precisa respeitar uma continuidade, um aprofundamento da experiência que exigiria mais tempo de assimilação, de entrosamento e de prática.

Contudo, o que podemos afirmar veementemente é que a experiência realizada neste sábado letivo foi imensamente positiva, por vários motivos que vamos elencar: o número de participantes que superou nossas expectativas; o envolvimento com as atividades propostas; o perfil de estudantes muito heterogêneo presente e que, ainda assim, foi possível integrá-los de uma maneira muito fluida; a presença de alguns estudantes que em sala de aula são extremamente tímidos e que nesta ocasião, conseguiram se expressar de uma forma muito espontânea e, por fim, a presença de alguns estudantes que não engajam facilmente nas atividades



acadêmicas e que nos surpreenderam positivamente nesta ocasião, participando, contribuindo com o grupo e realizando tudo o que era proposto.

Ao longo das atividades, era notório o envolvimento dos estudantes. Ao realizarmos a imitação dos animais, todos se divertiram muito, criando um clima de descontração. Outro momento muito interessante foi a imitação dos professores por meio de mímicas. Os colegas matavam a charada instantaneamente e nós, professores ali presentes, ficávamos totalmente perdidos. Isso nos trouxe a reflexão de que a relação professor-aluno é uma relação muito mais espontânea e natural do que a relação entre colegas professores.

De modo geral, é possível afirmar que este sábado letivo foi muito significativo na formação dos nossos estudantes. Além de se divertirem bastante, eles conseguiram se expressar, interagir, comunicar emoções e, além disso, compreender a intencionalidade da proposta. E foi muito curioso o feedback dos estudantes após a intervenção. Uma aluna disse que somente aquele sábado não era suficiente, que seria bom se pudéssemos nos reunir todos os sábados para fazer teatro. Passaram-se muitos dias, talvez mais de um mês, um estudante que tem transtorno do espectro autista perguntou: “Professora, no próximo sábado haverá teatro?” Isso foi muito significativo, pois mostra que o estudante ficou muito interessado e, talvez, encontrou no teatro uma possibilidade de se expressar, coisa que talvez não veja como possível no cotidiano da escola.

A interdisciplinaridade entre Arte e Educação Física ocorreu de diferentes formas, mas é interessante refletir sobre a proximidade do Teatro do Oprimido com a Educação física a partir das atividades propostas por Boal, que evidenciam a atenção à cultura corporal, à musculatura, aos jogos e brincadeiras, a relação entre corpo-trabalho, corpo-lazer, corpo-saúde, temáticas que estão todas muito presentes no currículo integrado do IFG. No momento em que trabalhamos com a corrida em câmera lenta, tentamos retomar alguns conceitos do atletismo que inclusive estavam sendo trabalhados naquele bimestre com os alunos do 1º ano e já haviam sido trabalhados com os estudantes do 2º e 3º anos anteriores. Nas atividades de mímica, na encenação das histórias criadas pelos estudantes, em todos os momentos Arte e Educação Física estiveram se conectando de forma direta ou indireta.



Outro aspecto muito interessante foi pensar sobre a proximidade entre o Teatro do Oprimido e os Jogos e Brincadeiras, uma categoria da vida humana tão genuína e indispensável. Assim, quando pensamos na formação do sujeito desde a mais tenra idade, é possível identificar a presença do teatro, uma vez que as crianças, quando estão desenvolvendo seu psiquismo e sua forma de agir no mundo, encenam as situações que vivenciam o tempo todo por meio de seus jogos e brincadeiras (Saccomani; Silvano, 2024).

Nesse sentido, quando se propõe uma atividade teatral na escola com uma intencionalidade pedagógica definida, é possível problematizar o que está sendo encenado, levando os estudantes a momentos de catarse, superando o cotidiano e trazendo significados mais elaborados àquela atividade, de modo a gerar em si mesmos incômodos, uma nova interpretação da realidade e, conseqüentemente, uma nova forma de agir diante dessa realidade.

2.4 INTERDISCIPLINARIDADE

Muito se fala sobre interdisciplinaridade nas escolas e até pode parecer um termo já compreendido, porém é importante destacar alguns conceitos importantes para que não haja dúvidas sobre o que realmente é interdisciplinaridade e quando ela acontece de fato, visto que, segundo alguns teóricos, ainda há uma confusão sobre sua definição.

Questões acerca da interdisciplinaridade são discutidas no Brasil desde a década de 1970. Segundo Santos, Souza e Rosa (2021) ela “constitui um pensamento mais integral acerca dos acontecimentos, dos fenômenos e das relações socialmente produzidas”. Nesse sentido, é preocupação também da interdisciplinaridade, uma abordagem menos fragmentada do ensino, ou seja, áreas distintas que se integram de forma colaborativa para trabalhar conteúdos e gerar conhecimentos.

Todavia, é preciso estar atento na qualidade da interação que se propõe, de modo que haja de fato uma interdisciplinaridade e não uma simples justaposição de disciplinas sem vínculo metodológico. “A interdisciplinaridade se caracteriza pela



intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa” (Japiassu, 1976).

A partir do trabalho de Ivani Fazenda (2013), grande pesquisadora sobre o assunto, é possível perceber que a interdisciplinaridade não está restrita à troca de saberes entre uma ou mais disciplinas. Ela também acontece na relação com o contexto, respeitando saberes prévios e individualidades.

Sobre isso, María de los Dolores J. Peña (2013) destaca que a interdisciplinaridade faz uma articulação entre o conteúdo transmitido com o mundo que nos cerca, e Derly Barbosa (2013) argumenta que depende da atitude de cada educador para que se supere o ensino fragmentado, e que o ensino interdisciplinar não está confinado às salas de aulas, ele ultrapassa essas barreiras e se fortalece à medida que ganha amplitude na vida social.

O trabalho interdisciplinar é heterogêneo, porque ele necessita da troca de experiências e das individualidades. Ele rompe barreiras físicas, práticas e teóricas. Dessa forma, a interdisciplinaridade não se limita ao ensino, isso porque “atividades que promovem abertura de horizontes, que rompem barreiras [...], pareçam-nos claramente, hoje em especial, premissas e/ou pressupostos da atitude interdisciplinar” (Bochniak, 2013).

Assim, pesquisar sobre as próprias práticas também se configura como uma atitude interdisciplinar, uma vez que esse trabalho enriquece o pensamento crítico, amplia os horizontes, ajuda na construção de conhecimento e no desenvolvimento do trabalho docente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu do relato de experiência da atividade "Jogos teatrais inspirados no Teatro do Oprimido", realizada no IFG Valparaíso, com o objetivo de analisar as potencialidades e limites de uma atividade interdisciplinar envolvendo Arte e Educação Física. A partir de uma abordagem autoetnográfica, foi possível observar que a integração dessas áreas, frequentemente marginalizadas no currículo, promoveu a expressão corporal e criativa dos estudantes em um momento singular.



Por meio dessa experiência, confirmou-se que uma atividade interdisciplinar que ultrapassa a simples justaposição de conteúdos, que respeita o contexto e as diversas particularidades envolvidas, é um caminho possível para um ensino de qualidade e menos fragmentado, uma vez que articula conhecimentos integrados sob perspectivas diferentes. Nesse sentido, é imprescindível que se tenha um planejamento de aula bem estruturado e que as expectativas estejam alinhadas.

A metodologia de Augusto Boal também se mostrou democrática tanto para professores que não são do teatro, quanto para estudantes que nunca atuaram em suas vidas, permitindo pensar não só apenas no teatro por si, mas também em questões políticas e sociais.

Entre os resultados observados, destacam-se o engajamento espontâneo dos alunos, uma participação numerosa e heterogênea, o desejo de haver mais encontros, os pensamentos críticos que foram elaborados durante momentos de discussão entre um jogo e outro, a finalização da atividade com êxito e certamente a potencialidade dessa atividade enquanto objeto de pesquisa para pensar em práticas que integram diversas áreas do conhecimento.

Por fim, esta experiência sugere que a verdadeira interdisciplinaridade não é uma receita pronta a ser replicada. Precisa ser preparada respeitando as particularidades que cada contexto tem. Além disso, é preciso ter atitude e coragem de sair do preestabelecido e do formatado. É ir além de enfrentar a opressão, mesmo que velada, e acreditar no poder transformador de uma educação de qualidade.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Derly. A competência do educador popular e a interdisciplinaridade do conhecimento. In: FAZENDA, Ivani (org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 76-91.

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. São Paulo: Editora 34, 2019. 232 p.

BOCHNIAK, Regina. O questionamento da interdisciplinaridade e a produção do seu conhecimento na escola. In: FAZENDA, Ivani (org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 157-174.

BRASIL. Lei Nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2016.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992. 200 p.

FAZENDA, Ivani (org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2013. 181 p.

JAPIASSU, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 220 p.

PEÑA, María de los Dolores J.. Interdisciplinaridade: questão de atitude. In: FAZENDA, Ivani (org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 76-91.

SACCOMANI, Maria Cláudia da Silva; SILVANO, Fernanda Oliveira Brigatto. Brincadeira de papeis: uma possibilidade didática a partir das contribuições da teoria histórico-cultural. *Plural - Revista De Psicologia UNESP*, Bauru, v. 3, n. 1, 1-18 p., 2024. Disponível em: <https://revistaplural.emnuvens.com.br/prp/article/view/106>. Acesso em: 05 set. 2025.

SANTOS, Davilene; SOUZA, Adriana; ROSA, Flávia. A interdisciplinaridade implícita na pedagogia e obras de Paulo Freire. In: Simpósio Internacional de Educação e Comunicação. 10, 2021, Aracaju. *Anais Simpósio Internacional de Educação e Comunicação*. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2021. 1-16. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/simeduc/issue/view/32>. Acesso em: 05 set. 2025.